



PESCADORES ARTESANAIS DE IPIRAMANHA E PALMAR NA ILHA DE MARACAPUCU (ABAETETUBA/PA)



PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA



FADECAM
Faculdade de Formação e
Desenvolvimento do Campo



Orientação acadêmica

Eliana Teles Rodrigues

Co-orientação acadêmica

Aquiles Vasconcelos Simões

Edição:

Eliana Teles Rodrigues

Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva

Orientação cartográfica

Eliana Teles Rodrigues

Cartografia:

Alberani Pinheiro Maciel

Nezilu Gonçalves dos Santos

Fotografia:

Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva

Nezilu Gonçalves dos Santos

Relação dos participantes nas oficinas:

Anilda Farias Rodrigues, Ana Lucia
Marques André, Raimundo Santana da
S. Gonçalves, Pedro Ribeiro dos Santos, Maria da
Conceição Costa Cardins, Sandra Sueli R Ferreira,
Maria Benedita Costa Barbosa, Manoel
Marques Cardins, Antonio Luiz André
Roberto Rocha

Equipe de Pesquisa de campo:

Alberani Pinheiro Maciel
Elizayne Yza Xavier Farias
Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva
Nezilu Gonçalves dos Santos
Raiane Ribeiro Cardoso

Transcrição:

Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva

Diagramação e Editoração Eletrônica:

Everton Teles

Realização

GEDAF/AGIS/UFPA

Organizações e Instituições participantes:

Associação dos Pescadores e Pescadoras,
Profissionais, Artesanais, Aquicultores e

Aquicultoras e Extrativistas do Município de

Abaetetuba-SINPESBA

Universidade Federal do Pará

“Trabalho desenvolvido no âmbito do
NEA GEDAF: Teias de Inovação Agroecológica e
Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares
com o apoio do **Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico –
CNPq**” e dos **órgãos financiadores da Chamada
CNPq 21/2016, a saber: MAPA, MCTIC, MEC e
SEAD – Casa Civil.**

Abaetetuba(PA), 22 de fevereiro de 2019

SUMÁRIO

Apresentação.....	04
Fartura à escassez.....	06
Organização.....	10
Pesca na Baía.....	15
Pesca no Rio.....	18
Poços de pesca.....	21
Conflitos.....	28



Apresentação

Maracapucu, é uma das dezenas de ilhas que compõem o município de Abaetetuba, no nordeste paraense. Dentro de seu limite geográfico, há várias comunidades, entre elas a Palmar. Nome originado pela grande quantidade de palmeiras de açazeiro, que dá o palmito existente na região, e em função de uma empresa exploradora deste recurso ter se instalado na localidade. No Palmar, há um braço de rio que se chama Ipiramanha que, em conjunto, formam o lócus de outra comunidade. Ambiente com predominância de várzea baixa e trechos de várzea alta, onde predominam os açais, que tem importante papel para a economia das famílias. Informado por residentes locais e líderes da comunidade, o número de famílias no Palmar, ultrapassa duzentos. As Ilhas levam Abaetetuba a fazer fronteiras com outros municípios, seja ao Norte com os da Ilha do Marajó, tal como Muaná e Ponta de Pedras; ao Sul com Moju e Igarapé Mirim; ao Leste com Barcarena e à Oeste com Limoeiro do Ajuru. Numa região recortada por rios e baías, essas Ilhas protegem a sede da cidade das fortes e rebeldes águas amazônicas. Situados nessas Ilhas e vivendo nas margens, estão os pescadores explorando as águas barrentas, experimentando as maiores aventuras na sua atividade pesqueira que é um desafio de sobrevivência. Como diz um dos pescadores entrevistados, Antonio Luiz “a vida de pescador é alegre, mas é difícil”. Lidando com as dificuldades não só naturais, mas também as que o homem construiu para si, os pescadores da Ilha Maracapucu e a Palmar fazem parte da grande parcela que é a população pesqueira do Estado do Pará. De uma época de fartura, são lembrados saudosamente, os tempos em que o pescado era tanto que “nem cabia na canoa”. Esse momento é um guia para lutas por melhorias na região, um resgate do bem-estar comunitário, onde eles se organizam e fazem parte de várias funções sociais. Secretários, presidentes, tesoureiros, coordenadores e até mesmo, líderes. As múltiplas funções, os diversos espaços na terra firme ocupados em um determinado momento pelos pescadores, mostra que, além de ser pescador, o indivíduo precisa também fazer outras atividades para conquistar a estabilidade de si e de sua família. No rio, no igarapé ou na pesca de turma, para além dos limites da Ilha, no oceano, modalidades comuns aos pescadores locais, seus modos de ser e fazer, mostram a complexidade existente na vida e a exigência de se doar a uma tarefa que, como bem explica Antonio Luiz, é um misto de emoções. O matapi, a tarrafa, a rede, a bóia, o anzol, a linha, o náilon, a canoa, o remo, o motor, a tala, a vara, instrumentos de pesca indispensáveis para a atividade, se somam ao conhecimento vivido, passando de geração em geração, de pai para filho, o que implica no modo de fazer dos pescadores. No mergulho, na associação em turmas, em parcerias, na colaboração entre os colegas de profissão, nas longas viagens longe da família. Tudo isso demonstra a realidade do que é a vida na pesca.

Os saberes aprendidos com os animais e com o tempo, muitas vezes o fiel e mais presente companheiro desses homens, mostram que a sabedoria adquirida os faz enxergar o rio e o tempo, o ponto exato para não esbarrar na pedra e perder seu material, assim como o momento em que se deve retirar a rede da água. A intensa relação com a natureza faz com que o entendimento force um especialista das águas afirmar: “o pescador tem o rio na mente”.

Conhecer para compreender pode ser um dos caminhos mais frutíferos para tentar definir a atuação dessas pessoas na natureza. O discernimento para entender o movimento do peixe e a qualidade da água, mostra a sabedoria para distinguir e explicar ao visitante, o que é um “rio seco” e um “rio fundo”. A força, o reflexo e a resiliência não estão somente no coração, mas na atitude de encarar profundidades de 14 braças, águas rebeldes e um Sol desgastante.

Outra forma de entender a sabedoria e o conhecimento existentes nas narrativas históricas desses pescadores é o respeito criado com a natureza, na preocupação em discussões de “acordos”, assim como na preservação dos recursos. Os acrobatas da Amazônia não apenas conseguem se equilibrar em seus barcos, mas também nos troncos que servem como passagem de uma casa a outra ou ao próprio barco. É a fiel prova de que o seu modo de ser reflete o seu modo de fazer.





DO TEMPO DA FARTURA AOS TEMPOS DA ESCASSEZ

“Nesse tempo o peixe dava muito! A gente saía da boca do rio pra fora, já pegava.”

Dourada, filhote e pescada, o que mais pegava. Só pra consumo. Nesse tempo não tinha renda, era difícil vender. Era mais troca mesmo. Não tinha venda de peixe. Por farinha, comida aí da casa, né, açúcar, farinha, utensílios da casa. Às vezes passava o barqueiro “Cadê o peixe?”, às vezes via ele parado lá, né: “Ah, num tenho dinheiro” - “Tem farinha? Tem café? Tem açúcar? A gente troca”. Era negócio de meia hora, hora de tempo. A gente estava redando, o peixe já estava remando pra trás. Aí, sentava a rede lá e voltava pra tirar o peixe daqui. A gente botava... o máximo que nós tirava de fora era cinco peixe porque a gente não tinha pra quem vender. A gente passava semanas comendo esse peixe. Quando acabava a gente ia de novo. Ainda na baía. Agora com bote, não. Com bote já pescava de parceria com os outros. Com barco grande, média de 18, 20 toneladas. Naquele tempo era R\$300,00 por viagem. Aqui tinha coisa, muita coisa, mas não tinha pra quem vender. Não tinha a venda que tem hoje. Pra lá a gente pescava com 2 braça de corda, mas a rede era 4 braça de altura. Tem lugar que a gente pesca com mais corda, né? Tendo canal, já é com 18, 20... Tendo canal, onde passa os navios.

Pedro Santos, 65 anos, ex-pescador e morador do Palmar.



Rio Maracapucu Palmar – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos.



Boca do Rio Maracapucu Palmar para a Baía do Marajó – Foto: Higor V. Pegado de S. da Silva

“A gente pegava peixe que você nunca tinha visto na vida.”

Lá nós pegava de tudo, de tudo que era peixe. Quando caía pra água salgada, a gente pegava peixe que você nunca tinha visto na vida. Tem muitos peixes que vocês precisavam ver. Se eu for citar os peixes que a gente pega... tubarão espadarte, tubarão cação... o cação primeiro, um tubarãozinho que cresce desse tamanho (simboliza). Agora tem o cação... tem o cação, tem o bico de pato que chamam... tem o cação rutela, o cação rutela a cabeça dele é bem assim (demonstra). E tem o tubarão grande, que não é desses menores. Porque esses uns menores eles crescem até uma quantia de 50kg, no máximo. Agora esses grandes, não. Esses grandes crescem muito. O espadarte... tem um espadarte a catana dele dava mais de 1 metro. O dente era a grossura de um dedo meu. Furemo ele no meio pra embarcar.

Pedro Santos, 65 anos, ex-pescador e morador do Palmar.

“Nós dava redada pra quatro tonelada de Dourada.”

Nós temos o Dourado quase em escassez, já. Deixa eu te falar do Dourado. Estamos quase em escassez. Dá uma redada com uma rede de cinquenta e quarenta pra te ver a grande quantidade de Douradinha que a gente mata, e eles matam. Basquetas e basquetas de Douradinha. Meio quilo, 700 g, não deixa crescer. Eu nunca vi ova de Dourada. Nunca na minha vida. Já vi ova de Mapará, já vi ova desse... ova de Piaba, mas nunca vi ova de Dourada. Nunca na minha vida. Nós quando tinha grande safra de Dourada no Baixo Amazonas, nós era um dos pegadores. Nós dava redada pra 4 t de Dourada. Uma redada. Quando a embarcação era pequena a gente não dava conta. Garoto, ajudava o outro. A gente dava. O Dourado, nós peguemos muitos filhos do Dourado nessa pesca do Amazonas que inicia a partir de julho. Então com certeza de junho, de maio, eles tão desovando, já. A gente pega muito filhinho do Dourado malhando, né? Porque a rede do náilon é deferente do plástico, né? O ferrolhozinho dele, entra no náilon, assim, ele vem, aquele bichinho *zitito* assim, oh. Então naquele período ele tá subindo, ele tá desovando. Maio a julho. Esse período aí.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.

“Pra manter a minha família tinha que ir pra fora.”

Em primeiro lugar era que eu deixava a família. Quando eu comecei a sair pra fora, eu tinha dois filhos. Aí, açaí não se vendia aqui. Nada se vendia aqui. Se pegava o peixe, não tinha pra quem vender, se pegava o camarão não tinha pra quem vender. E aí, a pesca de fora sempre teve, né? E aí pra eu me manter, eu tinha que ir pra fora. Pra manter a família tinha que ir pra fora. Porque a gente tinha muita coisa aqui, mas não tinha pra quem vender. Vinte e cinco, vinte e oito, até trinta dias a gente passava. Aí chegava lá com o meu irmão “eu vou pra fora, eu quero uma viagem pra fora contigo”. Aí ele pegava e me dava R\$150,00, aí eu levava pra família. Pegava esses R\$150,00 e ia pra Abaeté. Chegava em Abaeté e fazia as compras e deixava na mulher, as compras, e ia embora pra fora. Quando eu voltava, ele me dava os R\$150,00 que falta. Eu trabalhei numa base de uns cinco anos lá fora. Só que hoje é diferente a pesca, né? Produção. Produção, o que você faz, você ganha. Naquele tempo que eu comecei a pescar, não. Era por viagem. Pescar muito ou pescar pouco, era o mesmo valor. Hoje, não. Hoje se você matar muito, muito você ganha.

Pedro Santos, 65 anos, ex-pescador e morador do Palmar.



Local de pesca – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos

“Tudo se vende...”

O peixe que a gente pegar agora, a gente vende, né? O que mudou muito foi isso, a nossa pesca de lá pra cá, da minha convivência pra cá. Se você tá pra pescar o camarão, o matapi já tá na água esperando pra você pescar o camarão. Se você tem o peixe, ele já tá esperando você chegar pra vender. Então hoje melhorou muito por causa disso. O que você pegar aqui, você vende. Se você pegar uma mucura, você vende. Uma cotia, você vende. Uma paca, você vende. Tudo se vende. Então da nossa convivência pra antes, mudou cem por cento. Já cheguei a vender. Barato, mas já vendia. Era R\$0,50, R\$2,00, R\$1,00. O tamanho do peixe era o valor. Às vezes quando tinha muito não levava porque já tava cheia a embarcação dele (atravessador) também. Era eles quem comprava e dizia o valor. Uns dez anos atrás. Um pede o preço, aí o cara dá e ele vem assim “Olha, sumano, falei pra ele que eu vendia o meu peixe a tanto e ele deu o preço”. Aí quando ele chega com a gente, a gente fala “Não, tu pagasse fulano tanto, e agora tu quer desse tanto. Se tu quiser levar meu peixe, é desse preço que tu pagasse fulano. Aí todo mundo foi falando um pro outro, aí ficou só um. E se não der o preço que a gente quer, a gente leva pra cidade e vende mais caro. A gente gasta mais uma gasolina ou um óleo, mas a gente vende mais caro. Aí pra ele ganhar também, ele tem que botar o preço que a gente quer.

Pedro Santos, 65 anos, ex-pescador e morador do Palmar.



Saída do Rio Maracapucu – Foto: Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva



Saída do porto de Pedro Santos no Rio Maracapucu Palmar – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos

“Na cidade a gente sabe que o preço é melhor.”

Um caso aqui, o filhote. Aqui a gente tá vendendo na base uns R\$12,00, mas se eu for na cidade você vende a R\$15,00. Só que a gente já perde um dia de trabalho. Aí quando você vai vender lá, você tem que trazer umas compras, trazer isso. É quase baseado a gente já vai mais perder do que ganhar. O marreteiro ganha mais do que a gente. Aqui vem um barquinho, para e a gente vende a Piraíba a R\$18,00, mas lá tá R\$25,00.

Pedro Santos, 65 anos, ex-pescador e morador do Palmar.



ORGANIZAÇÃO

A comissão eram três pessoas. Aí depois que passou para a Associação, nós éramos doze. Doze pessoas. Aí o presidente era a Maria do Carmo, que é do Palmar. Eu era o tesoureiro e a Ana a secretária, no primeiro mandato dela. Coordenação no caso era quatro de cada localidade. Quatro daqui do Ipiramanha quatro do Palmar e quatro do Tucumanduba, são as três áreas aqui que abrange, que é a mesma área do assentamento. Ela é composta por essas três áreas. Aí no caso de quinze e quinze dias a gente se reunia. Nós ficamos meio desligado, sabe? Fiquei fora. Mas a gente participa, a gente sempre ajuda também. Sempre. Num largou ainda. A gente tá fora, mas a gente dá apoio para as pessoas que estão. Não largou sempre.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Ana Lucia, coordenadora Ipiramanha, durante oficina de cartografia do território – Foto: Higor V. Pegado de S. da Silva

Com certeza, estamos mais fortes, sim. Assim, quando chegou aqui esses projetos aí, mais ativação dava. Por exemplo, lá nessa área do Tucumanduba também tinha um bocado de gente carente lá. Quando chegava assim uma notícia que tinha uma reunião, a gente ia e convidava. Dava um convite pro pessoal responsável lá. Aí avisava eles e se interessavam. Era muito bonito mesmo.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Planejamento.”

A gente chamava, sentava, por exemplo, no caso, a Associação. Discutia, planejava, a gente também planejava, fazia o planejamento. Aí a gente fazia aquele trabalho. Mas às vezes chamavam a gente. A gente antes de ir, discutia o que era que a gente ia informar. Então, desse jeito. “Se eles falarem alguma coisa, a respeito do projeto, o que é que nós vamos pedir”. Assim dos projetos que vem para beneficiar o povo. Trabalhava desse jeito. Aí o movimento, o MORIVA, mandava um comunicado: “Olha, tal dia, tem tal reunião, tal discussão. Se organizam lá e venham”. Aí a gente rapidamente chamava, se reunia e no dia seguinte a gente já estava lá. Era assim que a gente fazia. Planejava. Às vezes dava tudo certo, graças a deus. Aí de quinze e quinze dias a gente sentava. No máximo era vinte dias. O cara reunia, discutia, planejava o que a gente ia fazer. Porque era a nossa Associação sem fundo lucrativo aí a gente tinha que fazer alguma coisa pra gerar fundo pra viagem. Fazia bingo. Qualquer atividade a gente inventava pra poder arrumar fundo pra viagem. A gente cobrava uma taxa de três reais dos assentados.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



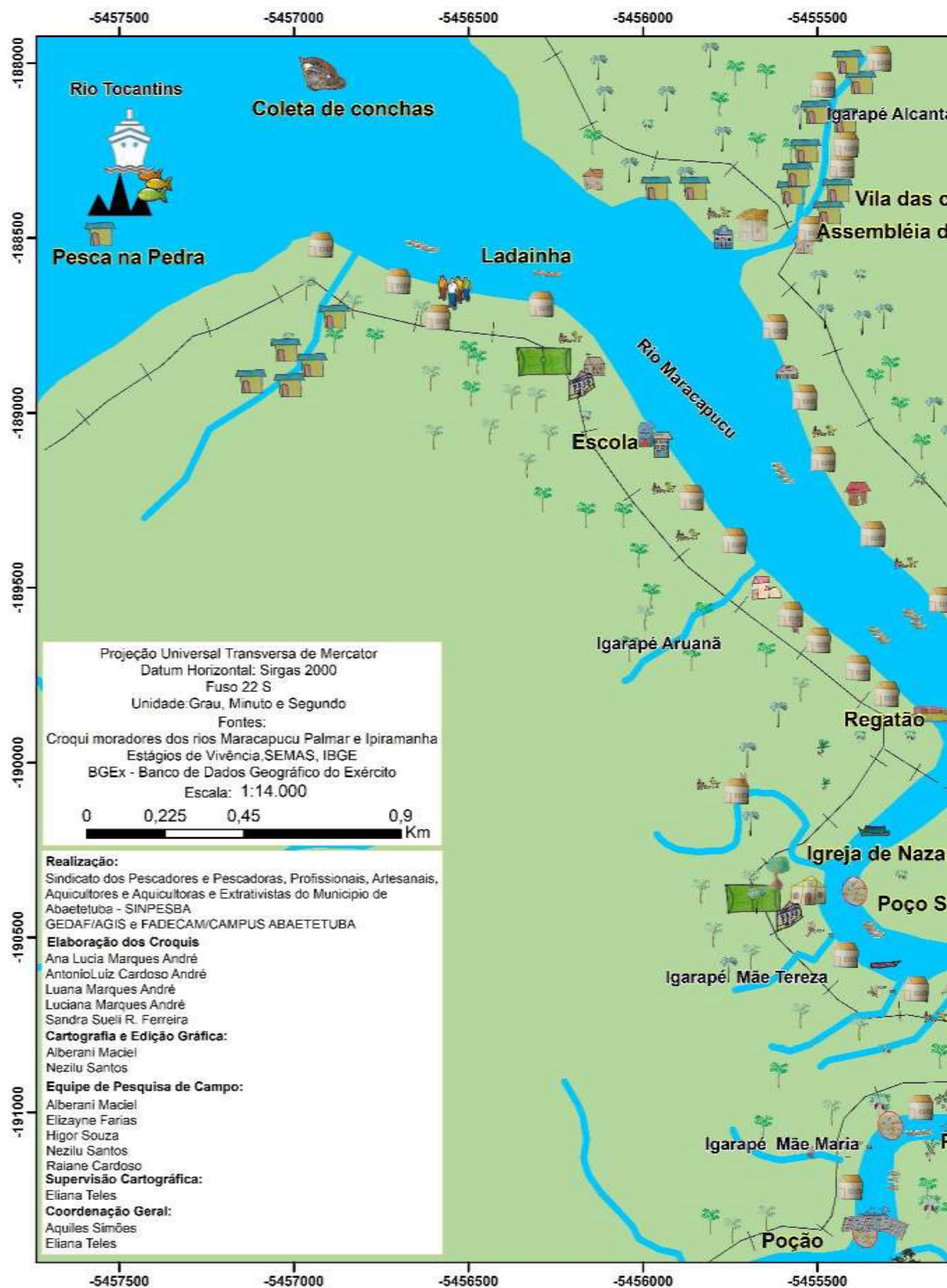
Restituição croqui cartografia social com membros Palmar – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos

“Tem que sentar e conversar.”

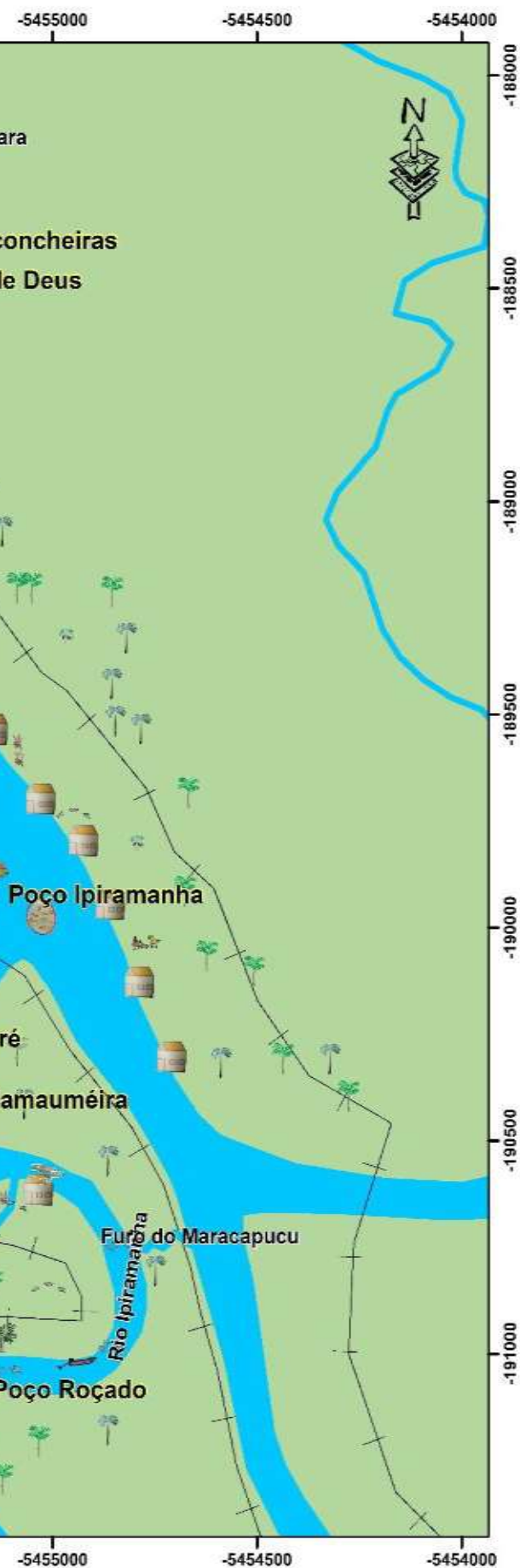
Nós fomos chamados várias vezes para tentar acalmar conflitos entre os moradores aqui da Ilha. Porque a gente como presidente da Associação, membro, eles vinham comunicar a gente pra gente ir lá resolver o problema. Graças a deus que a gente chegava lá e resolvia, chamava as pessoas pra conversar, aí acalmava. Tudo na paz. Várias vezes. Chamavam eles, os dois lados, reunia com eles e conversava. A gente ia olhar no mato a divisa, por onde era. Graças a deus dava tudo certo. Pra cá teve um conflito meio brabo, nós fomos lá e resolvemos, graças a deus. Todos dois brabo mesmo. Não é assim que a gente se resolve, né? Não é assim, nesse jeito. Tem que sentar e conversar. Tudo certo. Aí o que era que a gente fazia, a gente chamava o pessoal de lá do MORIVA, eles vinham junto com a gente. Não era só a gente. Mas no caso aqui eles comunicavam [as pessoas em conflito] a gente, aí eles vinham e a gente ia lá na casa da pessoa que tava em conflito. Chegava lá, eles amostrava tudinho e tal, aí lá mesmo a gente fazia a roda e reunia lá, a conversa. Reunia no mato mesmo. Era assim que se resolvia. Aí marcava uma data pra eles [as pessoas em conflito irem lá no escritório do movimento. Aí lá que fazia uma assembleia, colocava todos os detalhes. Não era preciso ir pra justiça. Graças a Deus negócio de conflito nós não fomos.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

Cartografia Socioagrombiental das Comunidades Maracapucu



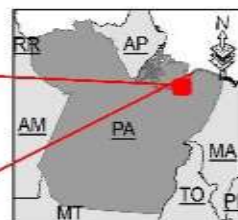
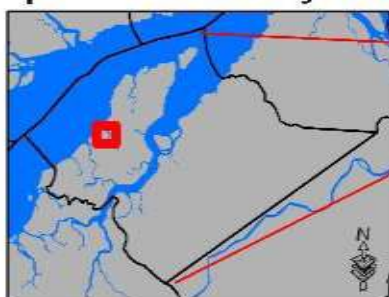
Palmar e Ipiramanha



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM EXTENSÃO, INOVAÇÃO SOCIOAMBIENTAL
E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS AGROALIMENTARES (AGIS) - PROFIMA



Mapas de Localização



Legenda

Novidades sociotécnicas



Coleta de conchas



Pesca na pedra

Sistema de produção agroecológico



Açaizais



Criações



Arvores frutíferas

Áreas de uso de pesca artesanal e recursos pesqueiros



Poços de pesca



Matapi



Coleta de conchas



Pesca na pedra

Espaços Sociais



Campo de futebol



Escola



Igreja Deus é Amor



Assembleia de Deus



Igreja Católica do Ipiramanha



Moradias



Bar



Igreja Católica do Palmar



Barracões das comunidades

Manifestações Culturais

Capitulador (Ladainha)

Políticas de Saúde



Tratamento de Água (Projeto SATA - Z)

Comércios e Transportes



Mercearia



Padaria



Marreteiro



Regatão



"Rabudo"

Conflitos e Impactos Socioambientais



Malhada (atravessadas no rio)



Criações em outras propriedades



Lixo jogado no meio ambiente



Pesca em poços (sem permissão)



Armadilhas para captura de Tucunaré em reprodução



Queima de lixo doméstico



Linha de Transmissão



Igarapés



Rios



Ilhas

“A gente trabalha é mesmo com prazer.”

Desde quando começou esse projeto, desde a primeira reunião que aconteceu, fomos chamados. Ninguém sabia o que era terra de marinha. Aí foi desde aí. Ninguém largou até hoje o movimento social. A gente trabalha é mesmo com prazer mesmo, fica feliz mesmo. O motivo é que a gente fica feliz, deixa uma história. Eu tenho certeza que alguém vai dizer “Olha, o Luiz e a Ana eram muito bom pra trabalhar. Desde quando eles trabalhavam assim, as coisas aconteciam mesmo”. E a gente gosta mesmo de tá. Olha, ela [Ana] é coordenadora da comunidade vai fazer seis anos já. Aí já é uma história também. Mas eu tenho fé em deus que nós vai viver muito, vai lutar muito ainda pra esse povo nosso. Então a gente se sente muito feliz por isso.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha



PESCA NA BAÍA

É diferente as pescas do rio pra baía, porque na baía a gente pesca só com a rede grossa. No rio, não. No rio a gente pesca de “acha” que é o certo. Se não fala “caniço”, é “acha”, aquele que joga na ponta da vara. Faz o caniço no anzol, na linha e na vara (na acha que a gente diz), joga e fica esperando o peixe vim comer. Aí o outro é a rede fina, porque na baía a gente pesca só com a rede grossa, dentro do rio só rede fina. Rede 30, 40, 45. Malha, é o tipo da malha. Aí é diferente da baía. E na baía tem que ir uma embarcação maior de tamanho porque a rede grossa a gente vai remando, vai soltando a rede. Essa daí a gente chama é a pesca arrastão. No rio a gente não arrasta, só escora ela e fica esperando só o peixe malhar. Na baía é arrastão, se trata de arrastão. A gente joga e ela vai na maré. Por exemplo, a maré tá vazando aqui, a gente joga bem aqui uma boia na ponta da rede e aí estica ela pra lá assim. Aí vai remando ou motor virando, vai soltando ela, até terminar, 200 braça, 300. Estica e larga lá, e essa rede vai arrastando. vai puxar. Essa é a diferença da baía pra dentro do rio. Dentro do rio mesmo a gente não pode fazer isso, é proibido arrastar. IBAMA não permite, no caso. Porque são poços de cria. Tá se criando os peixinho, aí não pode arrastar. Aí a diferença é essa.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Material de pesca arrastão – Foto: Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva

Material da pesca na baía

Linha, náilon. Nós trabalhamos com mais náilon, agora que tão inventando plástico, mas é mais náilon. A malha, ela varia de sessenta à setenta e cinco. Uma rede de mil braça, que dá uma faixa de mil e quinhentos metros, mil e setecentos metros, a gente num usa aqui, tá pequeno. Mil braça, mil pra frente nós usa. Dá mil e seiscentos metros.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.



Material de pesca Manuel Rodrigues – Foto: Joaquina Rodrigues

“Pesca arrastão”

Nós trabalha com mais rede. Achamos aqui, nós tratamos de rede arrastão. Que não é rede arrastão... bota rede arrastada, que é a maré que leva ela, vai embora, na baía, aquelas que coloca as bóias. Nós não trabalhamos praticamente dentro do rio, muito difícil, sabe? Só pescazinha, uma tapagem no igarapé, mas nós não atuamos no rio. Só atua na Baía.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.



Material de pesca Manuel Rodrigues – Foto: Joaquina Rodrigues

“Hoje no Estado do Pará tu não acha mais pescador do alto mar.”

O período defeso é novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Outros meses tá livre. No regional Tocantins, né? Esse período é o do regional Tocantins. A portaria do Marajó ela 30 inicia primeiro em janeiro. Defeso do Marajó. Janeiro, fevereiro, março e abril. O Marajó como um todo. Aliás, o Marajó com o Mar não tem defeso. É o Marajó lago, o Marajó ilha, que é o defeso. O nosso defeso foi em cima do Mapará praticamente. Nós saímos daqui e pescamos em outro lugar. Só que não é legal se o cara for pensar. Por exemplo, até Santo Antônio do Tauá tá fazendo defeso sem portaria e a previdência pesca e normalmente recebe, mas não há mais portaria porque não houve mais nenhum debate, nenhuma reunião. Hoje, se tu olhar todo, todos os pescadores do Estado do Pará, tu não acha mais pescador do alto mar. De tráfego. No entanto, a portaria ela só é nas bacias do Tocantins, Marajó e Amazonas. Aí tem Araguaia também que passa. O Mapará ele desova há mais tempo. Mas mesmo do Mapará ela tá com dificuldade. O Mapará ele desova há mais tempo. Ele começa a desovar a partir de agosto. Mas se tu ver a Tainha, é maio e junho. Tá tudo ovada e não tem defeso pra ela. Todo mundo pega. E pega mais que quando ela tá ovada. Porque a ovada da Tainha é uma ovada saborosa. O Tucunaré é um problema porque é um peixe muito maltratado. Vou te falar umas coisas do Tucunaré que eles fazem aqui. O Tucunaré Açú, aquele Tucunaré maior, eles fazem uma brincadeira com o Tucunaré Açú, cara. Eles se eles souberem que tem o Tucunaré pra desovar aqui e ele é besta pra isso, ele é esperto pra uma coisa, mas é besta pra outra, tu pega umas, uns três toras de pauzinho, tu trança no fundo ele. Chama-se “casa do Tucunaré”. Vai desova na tora do pau. E lá tu puxa tudo os dois. O macho e a fêmea. Porque agora o período aqui é ruim, mas no período certo aqui ainda tem gente que ainda puxa, ainda tem gente que ainda puxa doze até quinze Tucunaré Açú grande. Ainda tem. Com essa armadilha que eles fazem pra ele, e ele é burro e se entrega na armadilha. Ele é burro o Tucunaré. Às vezes a desova dele passa até julho. Ele não tem um período fixo.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.



Imagem do barco de pesca de Manuel Rodrigues.

Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos



PESCA NO RIO

“Pesca na pedra”

Antes os pescadores se livravam dela, e agora não, a gente já vai procurando ela, porque antes a gente dizia “aqui que é lama aqui que é a comida deles”, que lá o muré se produzia e o peixe ia lá pra comer e a gente procurava, e na pedra não, o peixe não consegue comer pedra, mas tem peixe que fica permanente na pedra. Aquilo quando falava que o cara pesca lá e procura a pedra, às vezes aquilo lá, ela embarça um pouco porque a rede fica permanente naquele lugar lá, quer dizer, ali ela favorece o pescador por um lado e prejudica por um outro. Até porque tem peixe que quando ele vem na rede dali ele já não presta mais, porque ela é colocada em um horário e é tirada com 24h né, quer dizer, lá onde a gente tinha medo de jogar a rede, a gente dizia “aqui é um lugar perigoso, aqui eu não boto minha rede que eu vou perder”, hoje em dia o cara trabalha lá, aí hoje nós já não tem mais esse pescado grande. A nossa pesca antes ela era uma pesca assim, do mapará ela tinha um malheiro de rede alto que era 35 pegava só o peixe graúdo, o do dourado e do filhote era um malheiro 60 e 80 que pegava o peixe graúdo, quer dizer, os miúdos continuavam crescendo lá. Hoje, o senhor ver pessoas com náilon 9, com malha 25, 30 pescando dentro de uma fundura de 25 braça de fundura que era onde o peixe se criava.

Raimundo Santana, pescador e coordenador do Palmar, 50 anos.

Pesca de gapuia

A “gapuia” que a gente chama. Não tem o inajazeiro? Não tem aqueles coratá? A gente pega aqueles coratá e vai pro poço. Já fiz muito lá. Aí tapa com barro (nos lados). Por exemplo, a gente coloca um bocado de pau aqui e um bocado de pau aqui, no lado do poço, aí gapoia a água de dentro com esse dito coratá. Pega um (coratá) do lado e outro, do outro lado, ou então só um mesmo. Essa é a gapoia. Pesca de gapoia. *Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha*

Coratá

É o que dá no inajazeiro. Essa é a gapuia. Dessa daí dessa pesca eu já fiz muito. A água baixa e aparece. Fica seco o poço. Essa aí é um tipo de pesca. Mas hoje em dia é difícil o pescado no igarapé, devido a poluição. Vai acabando. Você não vai mais fazendo esse negócio. *Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.*

“Dava prazer de pegar o camarão.”

Porque antigamente tinha muito. A gente saía pra secar o poço, era rasa de peixe, era rasa de camarão, mas hoje em dia nem existe mais, é bem pouca gente que faz isso, mas eu fiz muito. Dava prazer de pegar o camarão, que era muito camarão, muito peixe, chegava boiava o poço assim, era o suficiente. Mas hoje em dia tá difícil o pescado. Aí a população também vai se multiplicando, vai falhando, vai acabando. *Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.*



Ferramenta de pesca:
Matapi.
Foto: **Nezilu Gonçalves dos Santos**

“Pesca de acha.”

É uma vara. A gente vai no mato e corta uma vara. A gente já sabe a marca da vara que é boa. Não pode cortar qualquer vara, que senão... Eu sei de uma vara que se chama “catinga de porco”, que ela enrola, mas num quebra. A outra é a ioioca, tal de ioioca. Tem até veneno ela, a fruta dela. É igual taperebá, só que ela é envenenada. Catinga de porco e ioioqueira. Essa também ela não enrola. Enrola, mas não quebra, só as duas, mas tem outras varas. Eu conheço bem essas duas. A gente usa mais essas duas. Também no rio, no poço, no rio, a gente pesca de linha de mão.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Espinhel.”

Espinhel é assim: por exemplo, isso (corda) aqui é um espinhel, aí cada um de duas braça. Eu já pesquei de espinhel, mas nunca teve me u mesmo, só tenho a rede mesmo. Eles colocam duas braças e meia assim, um longe do outro. O anzol, tu prepara eles trovado (enrola), destrua eles num pedaço de linha assim, amarra todinho numa peça. Esse é o espinhel. Aí vai na baía e joga, dentro do rio também pode ser. Depende do tipo de anzol. Tem o anzol sete, tem o quatro, tem o cinco, já pra peixe graúdo.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Caniço no poço.”

E na outra pesca também é de caniço no poço. Pesca de acha. A gente pesca também no poço e no igarapé.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Pesca de mão.”

Não tem aqueles carretel de linha que a gente compra? Prepara o anzol e pode ser de lá de dentro da rede, você joga lá pro rio que... essa aí é linha de mão. Aí fica só esperando lá o peixe. Pesca de mão. Na baía a gente também faz pesca de mão. De espinhel.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Número do anzol, tamanho do peixe.”

O anzol, se tu for comprar o anzol número 15, ele é desse tamaninho, gitito, que é pra puxar mandii, esses peixe pequeno. Agora se tu for comprar já o número 4, olha o tamanho que é! Uma piraíba então, é o 3. Um grandão que tem assim, o 7 é pequenininho assim. Aí tem o 15, mas pode pescar na baía, pesca no rio, espinhel. Esse se trata espinhel

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



OS POÇOS DE PESCA

Boca do Ipiramanha

Da boca do Ipiramanha lá, é nove braças. Largura na boca do Ipiramanha, dez braças. Nós é difícil tratar por metro, é braça.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Local do poço da boca do Ipiramanha – Foto: Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva



Poço da Samaumeira – Foto: Nezilú Gonçalves dos Santos

Poço Samaumeira

Aquele lá na samaumeira é oito braça. Ele dava doze braças, mas agora só dá oito. Porque seca né, conforme passando o tempo, poluição no fundo também vai crescendo, aí vai secando o poço. Ele dá umas vinte braças lá, de um lado e outro, normal. Abrange o lado que a gente mora e abrange o outro lado.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

Poço do Roçado e Poção

Ele tem oito braça também. Esses poços lá o mais fundo é o da boca do Ipiramanha mesmo. Lá dá umas quinze braça. Aí tem o outro, o poção, lá também é dez braça. De fundura. A largura deve dá uns vinte, porque lá também vai no outro lado, lá é tipo uma enseada, porque é largo também.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



**Caminho no Ipiramanha para o Poço Roçado ao fundo e Poção logo após –
Foto: Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva**

“Várias marcas de peixe”

Só que eles são poços de cria. Lá tem a pescada, tucunaré, mapará, mandii, *batoque* que é igual uma pescada, mas a cabeça dele é cumpridinha, você trata ele de batoque. Caratipioca, dourada, filhote. A gente pega tudinho. Tem lá. Se você for dar um lança num poço desse com rede de bloqueio tu pega todo tipo de peixe.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

Rede de bloqueio

Por exemplo, se tu for lancear lá o poço, aí tu coloca a rede, tu atravessa uma rede grandão assim, do lado de dois cascos, aí tu tapa lá no porto de casa pro outro lado. Lá espera. Aí o outro vai lá de cima e vem arrastando até chegar nessa uma aí, de lá junta as duas e puxa as duas juntas. Esse é o lance do poço com a rede de bloqueio. Aqui, eu moro bem aqui (ilustra), aqui tapa. Joga uma rede daqui pra cá, pro outro lado. Aí já tapou o poço. A rede vai lá no fundo. Ela tem doze braças de altura. Ela tapa tudo. Aí tu joga essa aqui e essa (da frente) aqui fica esperando. Aí tu joga lá e vem, aí o pessoal vão mergulhando, puxando ela pelo fundo, e aqui na beira passa um cabo assim e vai colindo ela até chegar na outra, até quando chega nessa aqui (dos cascos). Aí quando chega nessa, a gente chama de “trança”, ela vai trançar. A do casco passa por aqui por baixo, e essa que vem da frente joga os peixes pra dentro dela. Aí amarra um cabo nessa aqui pra boiar o chumbo da outra. Aí o peixe vem todo nessa que tá embaixo. Esse é o lança do poço. Constantemente são dez que trabalha assim. São cinco de cada casco. Aí tem um pessoal que ajuda na beira puxando, mas os mergulhador vão lá no fundo, vão dando arrastar no fundo lá embaixo, mas o pessoal tá acostumado. Eu mergulhava nove braça. Não aguento mergulhar duas agora. Risos. Eu tenho um cunhado, não sei se ainda vai, mergulhava catorze braça, ia lá e voltava. Trabalhava no fundo pra arrastar a rede mesmo. A malha era trinta, o tipo de malha era trinta. O fio, vinte e quatro.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Rio Maracapucu Palmar – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos

Pesca no Igarapé

No igarapé esse tipo de pesca não dá pra fazer. No igarapé é de lancear. Ela é pequena. Pega só dois e vai lancear no poço. Essa daí é quinze, é zitita essa malha. Mas essa aí também ela é proibida essa pesca. Essa rede de lança. Essa pequena, que lancear no poço. Devido à malha né, que pega tudo. Pega o grande e pega o miúdo. As vezes pega tanto peixinho que o cara nem come, joga fora que não dá pra fazer. Só que o pessoal são contra a lei. Esse é o tal de pescador predador. Acaba com a natureza. Aí isso é proibido. A tarrafa é outra pesca proibida.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Seu Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Pesca de zangaria.”

É. Jangada lá, o cara coloca a rede, já ouvi falarem, assim na praia. Tu anda por cima, por isso que chamam de zangaria essa pesca lá, aí tu faz uma prancha, tipo uma prancha. Tu não pode pisar na lama que a arraia brinca pira. Aí tu vai por cima da prancha só, despescando a rede. Se tu pisar na lama lá na água a arraia te come. Isso se chama de zangaria essa pesca lá. Não pode pisar na lama, vai por cima da prancha. É divertida que o pessoal fala assim, a vida do pescador é divertida e difícil, essa uma lá, ela é divertida, mas se o cara pisar.... O pessoal fala assim que a vida do pescador ela é divertida, mas é difícil por causa desse sistema.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

“Pesca de Tarrafa.”

A tarrafa ela é feito assim, ela é tipo um funil. Pra cima é fina e pra baixo ela abre. Tem tarrafa que tem três braças de comprimento, grandona. Tem pequena, duas braça, duas e meia. Agora aqui a boca dela é larga. Tem dez metro, cinco metro. Nessa pesca aí tu não pula na água, tu não faz nada. Tu usa um chicote, um cabo, cinco braça, conforme a fundura, dez braça, aí tu joga ela. Levanta na mão, faz um laço e amarra na munheca da outra mão, coloca o que sobra no ombro até tu chegar numa posição pra jogar ela. Ela abre igual uma sombrinha. Solta essa linha daqui tudinho até chegar lá no fundo. Aí o que tiver na frente vai ficando dentro dela. Aí depois só vai colindo ela assim pra só fechar ela. Só vai fazendo assim e vai fechando, até que fecha tudinho e tu puxa ela. Tarrafa é a rede. A malha trinta, pode ser. Tem uns mais miudinho pra pegar camarão, que é a quinze. Mas a malha dela é a trinta, trinta e cinco. É igual um a sombrinha. Quando tu joga ela, ela abre tudinho. Depende que o jogador seja bom. Tem gente que é experiente pra jogar. Aí quando ela senta lá no fundo, vai só fazendo isso (gesticula). Ela senta rápido, a gente sente. Porque ela é toda cheio de chumbo, o tralho dela. Se ela sentar no lento ela não pega nenhum peixe. Ela senta rápido e num tem como se escapar. É mais pra dentro do rio essa pesca. Na baía é difícil, mas tem gente que pesca, na beira, no caso. Quando a maré para, né, dá pra pescar em cima da pedra, na praia. O que eu sei dessa pesca a informação que eu tenho é desse jeito, que eu já pesquei também.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Pescador lanceando no Rio Maracapucu Palmar – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos

“Turma de pegar mapará.”

A turma do mapará é assim, ela é composto por dois casco. Aí daqui tem um lote de rede, vamos dizer duzentas braças, esse outro tem duzentas braça, aí emenda ponta com ponta os dois casco, amarra um no outro. Aí os taleiro vão lá na frente, uma tala só de procurar mapará. Uma tala de pachubeia. Na frente vai dois num casquinho. Por exemplo, talhador que chama, vai talheando. O da proa vai só remando. Aí quando acha o mapará aí, que tá na posição, aí os dois cascos vão atrás. Tá na posição, ele só sacode o remo e manda abrir os dois cascos. Já soltando a rede de dentro do casco. Vai quatro de cada um. Dois na popa e dois na proa. Um vai pilotando, o outro soltan do a rede. E os da frente vão remando. Aí o talheiro que tá lá na frente vem pra cá pro fim da rede. Ele vem embora pra cá pra ver se o peixe chegou na rede. Ele mete a tala. Ele vai procurando o peixe. Vai lá na frente, em outro casco, pra duas pessoas.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Rio Maracapucu Palmar –
Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos



Imagem do robô, ferramenta usada para pescar no oceano
– Foto: Higor V. Pegado de S. da Silva

“Pesca no oceano e robô.”

Também tem essa pesca aqui, essa pesca aqui, esse barco pesca pro oceano. Não tem esses robôs aí na frente? Isso aí é robô. Isso aí o cara não faz força pra puxar a rede ele que puxa a rede. Liga lá a máquina e faz. Eu nunca pesquei nesse tipo de embarcação, só no braço mesmo. Isso é bom que o cara não faz força. Eu acho que é um motor que liga, 28 eu não sei nem como é que funciona, que eu nunca pesquei nesses pescador assim. Liga uma máquina aí, aí a rede já sobe, por aí por dentro disso aí.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.

Matapi.

O matapi tem de todos os tamanhos, vai variar a quantidade, tudo, ele é o que pesca o camarão na água, além dele pro camarão tem o tal de viveiro. Aí ele vai pegando o camarão e vai depositando. No caso na safra que o camarão fica barato, muito marreteiro, o cara vai pescando e vai colocando dentro pra esperar o preço. A gente chama de viveiro.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



Imagem do matapi, material de pesca – Foto: Nezilu Gonçalves dos Santos

“Duração da rede na maré”

Se tu jogar ela, por exemplo, cinco horas da tarde, tu só vai puxar três horas da manhã. Ela fica a noite inteira pescando. Aí se tu jogar sete da manhã, só vai puxar três da tarde. Ela fica vai e vem na maré. Assim que é a pesca de lá, do oceano. Daqui também, daqui é diferente porque é menos rede. Aí tem as posição pra jogar a rede, num pode jogar em qualquer lugar porque tem pedra, tem pau. Às vezes a rede vai arrastando. Lá fora, não. Lá fora não tem perigo porque só usa duas braça de corda, ela não vai no fundo. Ela vai na flor da água. É uma braça. É difícil prender. Por exemplo, pro pescador perder a rede, só se roubarem. Ela não vai no fundo arrastando. Eu já pesquei lá.

Roubo de rede, porque são duas mil braças de corda, aí fica muito longe. É difícil controlar, porque é muita rede. Um barquinho desse aí trabalha com dois mil, três mil, braça de rede.

Antonio Luiz, 59 anos, ex-pescador e morador do Ipiramanha.



O CONFLITO NA PESCA, A PRESSÃO SOBRE OS RECURSOS E OUTRAS POSSIBILIDADES

“Briga com o pessoal pra não arrastarem.”

O pessoal que são teimoso, eles gostam de arrastar também, mas aí a gente sempre na briga com o pessoal pra não arrastarem, só colocar a rede e ficar esperando lá. A gente como trabalhou sempre no movimento social, através dos vários encontros, reunião, a gente vai aprendendo. Também a gente já entra na luta pra não deixar ninguém fazer porque é proibido mesmo.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.



Material de pesca Manuel Rodrigues – Foto: Joaquina Rodrigues

“Eles não tiram o matapi da água.”

Camarão todo tempo tem ova. Tudo tempo. Miudinho, junho. Tá só a lêmdea. Maio tá desovando. Maio desova muito. Junho tá só a lêmdea. Chega é febre aqueles matapizinho nojento. Pra pegar, pra pegar mesmo pra prestar, é março e abril. Quando chega em maio já tá miudando, já. Olha, o camarão é uma coisa bom, cara. Se o cara tivesse cuidado com ele. Pode parar de pescar num igarapé desse um camarão. Para três mês. Quando tu vai arriar, só tá o graúdo, cara. Camarão é bom. Camarão é bom pra trabalhar. Só tá o graúdo. Só que os diabo, eles não tiram o matapi da água. Num tiro. O problema é não tirar essa merda da água. Tudo dia eles colocam. Não tira. Tudo dia. Inventaram agora a descascagem dele, aquelas lêmdiassinha tudo descascam. Aquela lêmdea tudo descasca.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.



Barco de Manuel Rodrigues ancorado no seu porto – Foto: Higor Vinícius Pegado de Souza da Silva

“Imagina que tu tinha no Tocantins de antes, que não tinha uma barragem”

Não sei a Piaba. É igual, é o mesmo do Dourado. Só que ninguém tem mais uma matemática quando faz, sabe? Os ciclos muda tudinho. Imagina que tu tinha no Tocantins de antes que não tinha uma barragem, imagine que tu tinha um Xingu tão amplo, que o Xingu é um rio seco, né? É de ferente do Tocantins que é um rio fundo. O Xingu é um rio seco, o Xingu. Mas com aquela barragem lá em cima agora, quem é que sobe? “Ah, fizemos uma escada”. Ê, quem sobe a escada?! Sobe nada! Antes das chuvas, ir lá pra trás das barragens de Tucuruí, quando dá as primeiras chuvas, a água sobe um pouquinho. Aí para a chuva. Constantemente ela para um pouco, aí ela baixa. Tu ia ver grande quantidade de ova atrás da barragem. Ova de peixe. Grande quantidade! E lá tá o Dourado à Sarda. Grande quantidade! Entendeu? Ninguém vê isso. Já fizemo milhão de debate, já briguemo com muita gente.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SIN PESBA, pescador e morador do Ipiramanha.

“Tempo de filhote ”

Filhote é em setembro. É período que a gente puxa mais ele. Mas deixa eu falar uma coisa aqui pra vocês: eu já perturbei muitos cabra pra nós fazer uma desovado Filhote. Porque o Filhote, tu pega o Filhote, no Muana, se tu trazer a reboque na embarcação, ele chega vivinho aqui. É muito valente! É diferente do Mapará que tu joga o Mapará na canoa, um minuto tá morto. E o Filhote tu pode colocar com a mão na embarcação, tu vem embora, ele chega aqui vivo, tu deixa no cambão - que chama cambão onde a gente amarra ele -, deixa ele aí, ele amanhece vivo. Ele é muito valente. Então ele é muito fácil você trabalhar a questão de desova. Só que eu já conversei com muitos técnicos e ninguém me deu um parecer. Agora uma ova do Filhote é muito grande. É muito grande, 3kg, 4kg, uma ova. Um Filhote desse de 80 kg 70kg, é um ovão que nem febre. E aquilo tu perde tudo. Já pensasse se tu pudesse fazer uma reprodução daquilo? Já pensaste? Imagina quanto tu ia ter de filho de peixe! Parceiro, nem brinca! Tu nem imagina. A gente captura todo tempo ele. Não tem *especificação* pra ele. Eles não respeitam. Acabou aquele negócio agora.

Manuel Rodrigues, 62 anos, presidente do SINPESBA, pescador e morador do Ipiramanha.



Parceiros: MORIVA, STTR, ARQUIA,
AMIA e SINPESBA



PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFRJ



FADECAM
Faculdade de Formação e
Desenvolvimento do Campo

